



PIPER: relato da experiência do planejamento e execução de uma aula sobre aves a partir do reendereço de um filme de animação

Luciana Ferrari Espindola Cabral^a, Renato Campos Vieira^b, Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho^c

^a Professora EBTT CEFET/RJ, Doutoranda NUTES- UFRJ

^b Doutorando NUTES- UFRJ

^c Professor NUTES-UFRJ

ARTICLE INFO

Recebido: 17 de abril de 2018

Aceito: 15 de março de 2019

Disponível on-line: 01 de maio de 2019

Palavras chave: Audiovisual, reendereço, ensino de Biologia.

E-mail:

eusouluciana@gmail.com

renatocamposvieira@gmail.com

luizrezende.ufrj@gmail.com

ISSN 2007-9842

© 2019 Institute of Science Education.

All rights reserved

ABSTRACT

The use of a film in the classroom was a complex task and influenced by contextual questions of the discipline, course and everyday subjects of students/spectators. When a teacher chooses to incorporate a video into his/her classroom, he is faced with the addressing mode designed for the video, and a classroom with students/spectators with different sociocultural experiences. In this sense, the teacher tends to position him/herself as mediator in this communicative process between the audiovisual and his/her students, exerting too a possible control over the readings from the students/spectators. With this, it is necessary to think in this process of mediation exercised by the teacher as a new form of addressing, because it may lead to a new way of reading, not thought by the producers of the material, being able to create new meanings for their students. This process is called readdressing. This work reports an experience of readdressing of an animated film in an Integrated High School Biology class at a Federal Technical School in Rio de Janeiro. The objective of this work was to understand a readdressing action of the commercial film "Piper: discovering the world" as a pedagogical practice capable of transporting aspects of the reality of the natural environment of seabirds to the space of the classroom, through the planned use of this audiovisual. We concluded that the actions of readdressing by the teacher regent were fundamental for the success for the teaching-learning process.

O uso de um filme em sala de aula é uma tarefa complexa e influenciada por questões contextuais da disciplina, do curso e do cotidiano dos estudantes/espectadores. Quando um docente opta por incorporar um vídeo em sua aula, ele se depara com o modo de endereçamento desenhado para o vídeo, e uma sala de aula com alunos/espectadores com diferentes experiências socioculturais. Nesse sentido, o professor tende a se posicionar como mediador nesse processo comunicativo entre o texto audiovisual e os seus alunos, exercendo também um possível papel de controle sobre as leituras feitas pelos estudantes/espectadores. Com isso, faz-se necessário pensar nesse processo de mediação exercido pelo professor como uma nova forma de endereçamento, pois pode levá-lo a construir um novo modo de leitura, não pensado pelos produtores desse material, podendo surgir novos significados para os seus alunos. Este processo é denominado reendereço. Este trabalho relata a experiência de reendereço de um filme de animação em uma aula de Biologia do Ensino Médio Técnico Integrado, em uma Escola Técnica Federal no Rio de Janeiro. O objetivo desse trabalho foi compreender a ação de reendereço do filme comercial "Piper: descobrindo o mundo" como prática pedagógica capaz de transportar aspectos da realidade do ambiente natural de aves marinhas para o espaço da sala de aula, através do uso planejado dessa obra audiovisual. Concluímos que as ações de reendereço desenvolvidas pela professora regente foram fundamentais para o êxito do processo de ensino-aprendizagem.

I. INTRODUÇÃO

A experiência de relatar a própria atividade docente oferece ao professor a possibilidade de mergulhar em profundas reflexões sobre a sua própria prática havendo, para tanto, uma necessidade de maior teorização a respeito das atividades exercidas no “chão da sala de aula”. Os relatos de experiência são caracterizados pela descrição e análise de uma atividade ou uma experiência desenvolvida pelo próprio autor do trabalho (Teixeira & Megid Neto, 2017) e apresentam uma contextualização, um detalhamento das condições e resultados das ações desenvolvidas incluindo uma avaliação crítica do seu trabalho. Segundo Tardif (2008), o saber dos professores deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho executado por eles na sala de aula, estando esse saber a serviço do trabalho.

Este relato nasceu do desejo do desenvolvimento e execução de uma proposta de aula com o uso de recurso audiovisual que ultrapassasse a mera instrumentalidade, descrita por Pretto (2013) como a simples incorporação de meios como vídeos, televisores e computadores como recursos didático-pedagógicos modernos, sem uma maior compreensão sobre a linguagem utilizada no meio audiovisual e suas significações socioculturais por parte do professor que o utiliza. Sobre esse assunto, Rezende Filho, Bastos, Pastor Junior, Pereira e Sá (2015) observam que

Outros esforços têm sido empreendidos no sentido de promover uma troca que de fato reconfigure as questões educacionais à luz dos aportes teóricos da comunicação e do audiovisual, e não se restrinja a um olhar que tome esses campos apenas como campos de práticas e produtos, ignorando suas produções intelectual, teórica e de pesquisa. (p.144)

O uso de um filme em sala de aula é uma tarefa complexa e influenciada por questões contextuais da disciplina, do curso e do cotidiano dos estudantes/espectadores (Pastor Junior, 2016). Diversos estudos têm sido realizados nos últimos anos sobre essa temática. Kuperszmitt (2016) discute a relevância da compreensão sobre como o professor incorpora, adapta e se apropria de um vídeo para ensinar ciências, destacando a importância da mediação produzida por ele nesse processo. Rezende Filho *et al.* (2015) apontam que o audiovisual necessita de um trabalho específico para ser usado com a função de ensinar. De acordo com Guimarães e Rezende Filho (2018) quando um docente opta por incorporar um vídeo em sua aula, ele se depara com o modo de endereçamento desenhado para o vídeo, e uma sala de aula com alunos/espectadores com diferentes experiências socioculturais. Neste contexto, o professor pode efetuar um conjunto de ações capaz de reendereçar esse recurso audiovisual ao seu grupo de alunos/espectadores. Segundo Rezende Filho *et al.* (2015) essas ações do professor buscam promover, limitar, conduzir ou controlar a compreensão dos alunos a respeito de um dado material audiovisual. Assim, podemos dizer que o reendereçamento é criado pelas ações do professor sobre a obra.

Os conteúdos abordados na aula relatada foram aspectos da anatomia e fisiologia de aves e o cuidado parental que esses animais realizam, permitindo a perpetuação de suas espécies. Foi utilizada, em uma aula de Biologia, a animação “Piper” dos estúdios Walt Disney, pois este curta faz alusão a questões e aspectos relevantes para tais temas, os quais a professora regente havia explicado anteriormente, e que continuaria a desenvolver em uma sequência de aulas expositivas. Neste caso, segundo Moran (1995) o vídeo estava ilustrando a fala da professora e, por se tratar de uma animação recente, muito comum e apreciada pelos jovens, tentaria cativá-los e a partir daí, solidificaria o entendimento dos alunos ao transportar aspectos da realidade do ambiente natural de aves marinhas para o espaço da sala de aula.

O objetivo desse trabalho foi compreender e relatar a ação de reendereçamento realizada durante a exibição, do filme comercial “Piper: Descobrimo o mundo” (Piper, 2016) como prática pedagógica.

II. MARCO TEÓRICO

A busca pela utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no e para o ensino é uma necessidade do nosso tempo como estratégia para superar dificuldades existentes entre o ensino e a atualidade, na qual existe uma nova dinâmica para se gerar e obter informação e conhecimento. Desta maneira, a inserção de tecnologias como o vídeo na

sala de aula não pode mais ser encarada apenas como uma boa ideia, sendo preciso teorizar, dar lugar à prática e, ainda mais, é necessário se permitir experimentar, refletir e avaliar, rompendo com o paradigma de modelos tradicionais de ensino (Pereira, 2013).

De acordo com Rezende Filho et al. (2015) a utilização de vídeos no ambiente escolar tende a posicionar o educando não apenas como aluno, mas também espectador. Assim, esse aluno/espectador mobilizaria e traria para o espaço escolar elementos de sua “alfabetização audiovisual”, seus interesses, suas experiências culturais adquiridas em ambientes extra-escolares e que, geralmente, não são de conhecimento do professor e tampouco estão sujeitas ao seu controle, sendo essas experiências capazes de expressar preferências, escolhas, expectativas e motivações que atuam como mediadores nos processos de ensino-aprendizagem realizado com o uso de obras audiovisuais. Para compreender essas mediações devemos considerar que, também na condição de espectador, o aluno é um sujeito intelectualmente ativo, capaz de aderir ou resistir à obra audiovisual que lhe é apresentada.

O autor Stuart Hall (2003), procura explicar o processo de codificação e decodificação das mensagens e negar a participação passiva dos espectadores no processo de recepção. A partir desse pensamento, Hall desconstrói o modelo linear de comunicação (produção/mensagem/receptor), demonstrando a circularidade entre produção e recepção afirmando que esses dois momentos são interligados e se retroalimentam. Se o objetivo deste modelo era, sobretudo, demonstrar o poder ideológico das mensagens (a hegemonia dos discursos dominantes), principalmente na televisão, a sua principal contribuição para a análise da recepção foi decisiva ao enunciar três atitudes fundamentais dos receptores frente à recepção das mensagens (três formas de decodificação):

- (1) uma posição “dominante” ou “preferencial”: quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção;
- (2) uma posição “negociada”: quando o sentido da mensagem entra “em negociação” com as condições particulares dos receptores;
- (3) e uma posição de “oposição”: quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas interpreta-a segundo uma estrutura de referência alternativa, ou de oposição.

Hall (2003) chama de significado preferencial aquele que o emissor deseja comunicar ao receptor. A forma como ele deseja ser compreendido. O significado preferencial trata de uma tentativa de hegemonizar a compreensão do espectador. A hegemonia, para Hall, seria um momento de transparência entre a codificação e a decodificação. Isto é, ser perfeitamente hegemônico significa, para o codificador, que cada significado comunicado seja compreendido apenas do modo pretendido, ou seja, com o receptor a exercer a chamada “leitura preferencial”. Porém, essa tentativa nunca é inteiramente eficaz, pois não é possível conter todas as possíveis leituras de um texto. No nível da decodificação, o leitor/espectador sempre poderá compreender a mensagem de outra forma. O que não significa que a mensagem contida em um texto seja infinitamente aberta a qualquer interpretação, já que há elementos internos no texto que direcionam essa significação, gerando um controle de uma possível polissemia.

A produção de sentidos feita pelo espectador é também uma preocupação de Odin (2005), que entende, assim como Hall (2003) que a comunicação não ocorre unicamente no sentido de transmissão de uma mensagem de um emissor a um receptor, mas através de um processo duplo de produção de sentidos, considerando que o espectador faz a sua construção de sentidos sob o efeito de algumas determinações já estabelecidas. Ele não é livre para construir qualquer sentido a partir do texto fílmico.

Ellsworth (2001) afirma que os filmes, assim como os livros e as cartas, são endereçados a alguém. Este endereçamento ocorre em um espaço psíquico, social ou em ambos, entre o texto e os usos que o espectador faz dele. Todavia, a autora destaca que o espectador nunca é apenas ou totalmente quem “o filme” pensa que ele é, pois a maneira como cada espectador vive a experiência do endereçamento é muito particular, e acrescenta que alguns pesquisadores têm realizado estudos de recepção para tentar entender esse “deslocamento” da atribuição de sentidos do pólo produtor para o espectador. Assim como os produtores de cinema não podem controlar a forma como os espectadores entendem o que é endereçado nos filmes, os professores também não podem controlar a produção de

sentido que seus alunos, na condição de espectadores, fazem ao assistirem vídeos durante uma aula (Bastos, 2014) Para que um filme faça sentido para um determinado espectador, este deve entrar em uma relação particular com a sua história e o seu sistema de imagens (Ellsworth, 2001). O endereçamento funciona como um importante elo entre a produção fílmica e sua recepção, uma vez que nele ocorrem tentativas de controle na produção de sentidos dos espectadores (Guimarães; Rezende Filho, 2018). O reendereçamento, neologismo criado a partir do conceito de endereçamento, diz respeito a como os professores produzem adaptações nos modos de leitura, de produção de sentidos, de um dado material audiovisual para que esse se preste a uma função educativa.

Sobre os modos de leitura, Odin (2005) indica que o contexto de exibição de um filme pode influenciar o modo como o texto fílmico será lido e descreve nove possíveis modos de leitura. Modo espetacular (aquele que descreve o filme como um espetáculo); Modo ficcionalizante (aquele que leva o espectador a vibrar ao ritmo dos acontecimentos narrados); Modo fabulizante (aquele no qual o espectador assiste ao filme para receber um ensinamento da narrativa); Modo documentário (aquele no qual o espectador assiste a um filme para obter informações sobre o mundo); Modo argumentativo/persuasivo (aquele no qual o espectador assiste a um filme para poder elaborar um discurso); Modo artístico (aquele no qual um espectador assiste a um filme como sendo a produção de um determinado autor); Modo estético (aquele no qual se assiste a um filme se interessando pelo trabalho de imagem e som); Modo energético (aquele que leva o espectador a vibrar ao ritmo das imagens e dos sons); Modo privado (aquele que leva o espectador a ver um filme voltando-se para a sua vivência e/ou a do grupo ao qual o mesmo pertence.

A partir do método de análise fílmica proposto por Vanoye e Goliot-Lété (1994) é possível que saibamos qual ou quais os significados preferenciais pretendidos pelo autor. A atividade de análise do filme se torna importante, pois segundo Vanoye e Goliot-Lété (1994)

Analisar um filme ou fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-la em seus elementos constitutivos. É despedaçar. Descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não percebem isoladamente “a olho nu”, pois é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. Através dessa etapa, o analista adquire um certo distanciamento do filme. Uma segunda fase consiste, em seguida, em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam a se tornar cúmplices para fazer surgir um todo significante: reconstruir o filme ou o fragmento (Vanoye & Goliot-Lété, 1994, p. 15).

Portanto, Vanoye e Goliot-lété (1994), nos atentam para não confundir estas duas etapas, pois na primeira delas, em que é feita a desconstrução do filme, é onde acontece a descrição e na segunda uma interpretação por parte do analista. Os autores chamam atenção neste ponto, pois algumas análises que se dizem interpretativas na verdade são apenas descrições dos filmes.

É a partir dessas premissas, da apropriação desse conjunto de conceitos, que a professora regente desenvolve o planejamento de ações pedagógicas a partir da exibição do filme “Piper” e posteriormente a análise sobre a ação executada.

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em meio a uma sequência de aulas teóricas e teórico-práticas sobre o reino animal, o filme “Piper: Descobrimo o Mundo”, foi escolhido pela professora e exibido para uma turma de estudantes do ensino médio técnico, em uma Escola Técnica Federal, no Rio de Janeiro. Após a exibição do filme, foram feitas perguntas aos alunos para tentar entender o que eles tinham apreendido a partir da posição de espectadores do vídeo, de forma a promover uma discussão sobre alguns temas relativos à anatomia e fisiologia de aves, e sobre cuidado parental em aves, a partir das cenas.

A aula na qual o filme foi exibido foi filmada, para posterior visualização e análise que permitisse a identificação das estratégias de reendereçamento realizadas pela professora regente. Com a finalização da execução do

planejamento bimestral, a professora realizou uma avaliação escrita para qual foi elaborada uma questão, subdividida em três itens, que abordavam os conceitos ensinados durante a atividade com o filme, com o objetivo específico de aferir o nível de compreensão dos alunos a respeito das temáticas em questão. A referida questão pode ser observada no quadro abaixo (Quadro 1):

QUADRO I. Questão elaborada para aferição de conhecimentos adquiridos a partir da mediação elaborada para a exibição do filme “Piper” utilizado na aula

O filme **Piper** (Disney/Pixar 2016) conta a história de um pequeno pássaro que vive próximo a praia e se aventura pela primeira vez a sair do seu ninho e ir atrás de comida. (Adaptado de <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-246441/> Acesso em 19/09/2017)



A partir da sua leitura do filme e dos comentários feitos na aula sobre o mesmo, responda:

- a) Qual a relação entre o formato do bico e a forma de alimentação da ave representada no filme?
- b) Em uma cena do filme, após “tomar um caixote”, Piper sacode o corpo, arruma as penas e segue sua vida normal. Explique qual é a relação deste ato, comum nas aves marinhas, com o voo.
- c) As primeiras cenas do filme demonstram o cuidado parental em aves. Estabeleça a relação existente entre esse cuidado e a sobrevivência nos diferentes grupos de vertebrados.

Para a reflexão sobre essa atividade relatada, trabalhamos com o referencial teórico do reendereço, proposto por Rezende Filho e colaboradores (2015) e realizamos uma análise fílmica com base no proposto por Vanoye e Goliot-lété (1994).

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do vídeo da aula executada pela professora e de documentos (provas) produzidos em continuidade a aula realizada, avaliamos as ações executadas pela professora (Tabela I) para adaptar e integrar a obra “Piper” aos objetivos didáticos desejados por ela.

A partir da análise do filme, foram levantadas questões em relação ao endereçamento (Ellsworth, 2001) do filme, e tentou-se entender que modo de leitura os alunos tomaram diante do que foi assistido, ou seja, se foi uma posição de entendimento do conteúdo (modo documentário), ou se foi apenas por lazer (modo ficcionalizante ou privado, por exemplo), achando apenas como forma de entretenimento e etc. Os alunos se posicionaram de maneira positiva em relação à obra exibida, não fazendo nenhum tipo de questionamento contrário à mensagem pretendida pela obra, seu significado preferencial.

TABELA I. Estratégias de reendereço do vídeo “Piper” utilizados na aula.

Seriado/Episódio	Piper
Trecho/Cena	Episódio Completo
Duração	06’26’’
Conteúdos	Anatomia e Fisiologia de Aves. Adaptações do grupo ao modo de vida. Alimentação e Cuidado Parental.
Descrição da Cena	Foi exibido o episódio completo.
Justificativa da escolha	O vídeo foi escolhido por apresentar um conjunto de características avaliadas pela professora regente como capazes de atender aos seus objetivos didáticos previamente estabelecidos, e simultaneamente se mostrar capaz de atingir o público-alvo formado pelos estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado. A professora regente julgou que o fato de ser um curta-metragem, facilitaria a inserção no planejamento da aula, podendo ser exibido “na íntegra”, o que permitiria que os alunos/espectadores pudessem supostamente ver o filme no modo documentário, como desejado em uma sala de aula, mas sem deixar de “vibrar” com os acontecimentos, permitindo o envolvimento com a narrativa.
Ações de reendereço	Antes da exposição do filme a professora regente anunciou que o mesmo se tratava de um filme de animação da Disney, mas fazia parte do planejamento da aula sobre aves. Ao final da exibição a professora regente desenvolveu com os alunos uma discussão sobre o filme relacionando-o as características das aves marinhas, sempre questionando os alunos sobre as cenas do filme, relacionando-as diretamente ao conteúdo proposto.

A seguir, é apresentada uma tabela (Tabela II) com a decupagem/descrição do vídeo, seguindo a proposta adaptada do modelo de análise fílmica francesa de Vanoye e Goliot-Lété (1994).

TABELA II. Decupagem/descrição do curta-metragem PIPER (2016) adaptada do modelo de análise fílmica proposta por Vanoye e Goliot-lété (1994).

Tempo	Imagem	Som
00-44	O filme começa mostrando uma areia de uma praia com a movimentação de avanço e recuo de ondas e alguns pássaros cujo nome popular é “maçarico” acompanhando o movimento da água, em busca de seus alimentos. Plano de fundo bem afastado do mar onde aparece a mãe de “Piper” em seu ninho. Logo em seguida o plano foca o pássaro representando a mãe de Piper.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
44-1:55	A mãe de Piper incentiva-o a sair do ninho para coletar seu alimento no local em que a onda bate. Porém, Piper não demonstra querer ir coletar, e permanece em seu ninho esperando a comida. A mãe de Piper vai ao mar coletar o pequeno molusco e Piper em um determinado momento, sai correndo até a beirada do mar. Chegando na parte em que a onda quebra, Piper é incentivado por sua mãe a coletar seu alimento até que todos os pássaros começam a recuar para a areia da praia.	Música instrumental suave e pássaros.
1:55-2:06	Piper sem entender o que estava acontecendo, acaba sendo engolido pela onda.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
2:06-2:28	A cena muda bruscamente para um plano onde Piper aparece em seu ninho com as penas todas desorganizadas e com expressão assustada. Sua mãe volta para incentivá-lo a tentar novamente e sai em busca de alimento novamente.	Música instrumental suave e pássaros.
2:28-2:33	O ninho aparece em plano de fundo e o mar em primeiro plano, Assim que Piper olha a onda se aproximando de longe, logo se esconde em seu ninho.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
2:23-3:04	A cena volta para o plano do Piper que começa a demonstrar sinais de fome. Assim, sai de seu ninho e volta correndo, se escondendo em obstáculos para “não ser visto” pela onda. Até que ao chegar perto do molusco para coletá-lo, é surpreendido por uma onda, que na verdade nem chega ao local onde Piper estava, e sai correndo para a areia e se esconde em algo que lembra algas empilhadas.	Música instrumental suave acompanhando a movimentação da cena e barulhos de onda e pássaros.

3:04-3:14	Ao se esconder Piper é surpreendido por um pequeno crustáceo. Piper estava escondido em cima de sua concha e vai sendo carregado até certo ponto onde cai de cima da concha do crustáceo.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
3:14-3:37	Piper começa a observar o crustáceo, que depois de apertar o bico de Piper em forma de defesa, sai em busca de seus pais até onde a onda chega. Depois que encontrou seus pais, ao ver que uma onda quebraria bem cima deles, logo se enterram na areia, e Piper observa tudo de longe assustado.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
3:37-4:06	Piper vai até o pequeno crustáceo e vê que este está virado de cabeça para baixo, mas logo volta a posição normal. Estes crustáceos começam a conferir as cascas deixadas pelos pássaros, coletando o que possivelmente possa ter sobrado. Logo em seguida outra onda os surpreende, e assim como os crustáceos, Piper se enterra na areia.	Música instrumental e barulhos de onda e pássaros.
4:06-4:32	Cena mostrando Piper e o crustáceo submersos, com a cabeça para fora da areia, observando todos os moluscos com as conchas para fora da areia também. Em seguida a onda retorna para o oceano fazendo emergir Piper e o crustáceo.	Música instrumental e barulhos de onda e pássaros.
4:32-5:06	Piper empolgado com o que viu e experienciou, sai com seu bando em busca de alimentos freneticamente. Coleta muitos moluscos, inclusive uns muito maiores do que aqueles que seu bando costumava coletar.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
5:06-5:21	Os planos seguintes acompanham Piper correndo pelas águas aparentando estar bem feliz. Quando uma onda chega, Piper se enterra na areia e volta a coletar seu alimento. Sua mãe de longe o observa com aparente felicidade.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
5:21-5:32	Plano aberto mostrando o mar e Piper com várias conchas empilhadas na areia e correndo e mergulhando na beirada do mar.	Música instrumental suave e barulhos de onda e pássaros.
5:32-6:03	Créditos finais.	Música instrumental suave
6:03-6:60	Plano de Piper a noite, com suas penas todas bagunçadas, em seu ninho, dormindo com a cabeça apoiada em cima de uma pilha de conchas de moluscos.	Música instrumental suave

Podemos perceber logo na primeira vez que o curta é assistido, que, pelo fato de não possuir falas, a música é muito importante na trajetória narrativa dos personagens e da história. Em todos os momentos, sendo eles de alegria ou tensão, a música acompanha as ações, fazendo com que as cenas tenham mais intensidade. Segundo Besen (2008), a música pode funcionar como parte do personagem ou das cenas, sendo como extensões destes, como no caso do PIPER (2016). A trilha sonora, nestes casos, procura desencadear reações emocionais e de aproximação com a história.

É possível identificar, segundo Gancho (2002), a estrutura típica de um enredo, que segundo a autora, se estrutura em torno de um conflito. Este conflito irá determinar as partes do enredo, que se dividem em: exposição, complicação, clímax e desfecho. Para exemplificar, tentando identificar as partes no filme PIPER (2016), logo no começo (até 44 segundos na tabela), temos a exposição do enredo, mostrando o ambiente e seus personagens. Logo em seguida até o minuto 4:06 da tabela, podemos perceber as complicações da história, onde vemos um Piper acanhado, com medo e não querendo se arriscar, entre outras complicações que deve resolver. O clímax fica por conta da cena que acontece entre 4:06 e 4:32 minutos, onde Piper chega ao seu maior momento de tensão, e tem que desenvolver uma maneira de superar o seu conflito máximo, ou seja, deve vencer seu antagonista, representado pela onda. Logo em seguida, a partir do minuto 4:32, o que vemos é um Piper resolvendo seus problemas. Segundo Gancho (2002) “o desfecho é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer configurando-se num final feliz ou não” (p. 11). No final temos um herói muito diferente daquele que vimos no começo, ou seja, agora ele é forte, destemido, líder de seu bando, trazendo novidades e ajudando seus colegas.

Diante desta estrutura evidenciada, podemos perceber que o endereçamento vai além do público infantil, pois temos uma história com momentos marcados pelas estruturas de uma narrativa feita para cativar o grande público. Para o público infantil, temos as cores fortes características de desenhos animados, a humanização dos animais, uma história de afeto, superação e alegria. Para os jovens e adultos, além da estrutura narrativa, várias questões sociais podem ser evidenciadas. Piper representa muito bem o que é comum na sociedade atual, onde os filhos permanecem por mais tempo vivendo com seus pais. Há o desejo de se manter no ninho, sob a proteção da mãe. Há o medo do desconhecido.

Desta forma, ficamos paralisados em uma área comumente chamada de zona de conforto. Ao romper a zona de acomodação amplia-se a área. O medo pode continuar, em algum nível, mas experimentamos também novas sensações e isso pode nos motivar. É quando expandimos nossa zona de acomodação que somos capazes de expandir igualmente nossas capacidades.

Outro ponto importante que aparece no curta é que aprendemos também que de onde menos esperamos, pode vir uma ajuda. No caso de Piper, o pequeno crustáceo, sendo um ser totalmente diferente, de outra espécie, lhe mostrou uma nova perspectiva e que o fez evoluir. Em um mundo que estimula cada vez mais a segregação entre as pessoas, este exemplo nos faz refletir sobre as diferenças, tanto culturais, raciais e etc. Todos nós aprendemos com o outro, e devemos nos unir para crescer.

Ao exibir um filme da Disney Pixar, inserido em uma sequência didática sobre aves, a professora regente esperava provocar uma mudança no modo de leitura esperado para um filme desta natureza. Não se trata de um documentário e sim um filme de animação. É uma animação da Disney, algo que remete a ideia de mero entretenimento a um público formado por adolescentes entre 16 e 18 anos, habituados a assistir filmes de animação como fonte de lazer desde a infância. De fato, o envolvimento dos alunos na discussão que sucedeu a exibição do filme e o desempenho dos mesmos na avaliação na qual eles foram questionados sobre os conteúdos observados no filme, demonstram que os alunos/espectadores foram capazes de alterar esse modo de leitura, inserindo outras possibilidades que não apenas os modos ficcionalizante, estético e energético, propostos por Odin (2005). Os alunos conseguiram ver um filme de animação no modo documentário, e dele extrair informações sobre a realidade da fisiologia e ecologia das aves marinhas. Acreditamos que dois fatores distintos tenham sido importantes nesse processo. O primeiro deles é a produção em si. Os produtores da obra “Piper” procuraram inserir no curta elementos da natureza dos pássaros da espécie representada. O site da Pixar¹ traz a informação de que o diretor Alan Barillaro se inspirou na observação de como os maçaricos reagem às ondas e correm na praia para projetar as características do personagem título deste curta. Ou seja, a produção do curta tentou se aproximar da realidade da natureza. O segundo ponto é a ação da professora regente ao eleger essa obra como passível de ser trabalhada com adolescentes, prevendo que as características do filme incluíssem o adequado endereçamento a essa faixa etária, e que o fato do filme “imitar a natureza” pudesse ser usado para trabalhar conteúdos relativos à anatomia e a fisiologia de aves. Para além disso, a professora regente sabia que se tratava de um filme bem aceito pela crítica, ganhador de um Oscar e que tinha sido originalmente exibido no cinema como um preâmbulo ao longa “Procurando Dory” (Finding Dory, 2016), um sucesso de bilheteria no Brasil. Piper não é um documentário. Mas desejou-se que, pela fidelidade das características anatômicas e alimentares em relação aos maçaricos reais, o filme pudesse ser lido dessa forma, e de fato os resultados aferidos em avaliação demonstram que foi.

Os produtores do curta não pensaram em uma sala de aula quando o produziram, e adaptá-lo para esse ambiente já é uma forma de reendereçamento. A professora se apropriou do filme para representar uma espécie de aves, que está sob cuidado parental, e que em determinado momento de seu desenvolvimento, se vê forçada a ter que ir atrás de seu alimento. A questão principal foi evidenciar o conteúdo da disciplina de Biologia, reendereçando o sentido original para o ambiente de sala de aula. Além desse objetivo, pode ser abordado também as características alimentares do pássaro “maçarico”, já que estes realmente se alimentam de pequenos moluscos assim que as ondas recuam. Outro tema que foi levantado é a cadeia alimentar, pois foi evidenciado o bico dos pássaros maçarico e relacionados à sua alimentação, e além disso, na cena do minuto 3-37-4:06, vimos o crustáceo se alimentando dos restos deixados pelos pássaros, pois são estes que abrem as conchas e deixam na areia, assim outros se alimentam dos restos da casca já aberta. Ou seja, todos esses exemplos são exemplos de reendereçamento do curta, e que, por se tratar de uma animação, sendo este gênero bastante apreciado pelos estudantes, pode causar um efeito motivador, de aproximação e aceitação do conteúdo, e isto foi percebido no momento da exibição em sala, onde todos os alunos ficaram atentos prestando atenção na animação e a maioria respondeu as questões referentes ao curta, na prova bimestral.

¹ Disponível em <https://www.pixar.com/piper#piper-main>, Acesso em 13/09/2018.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as ações da professora regente foram cruciais para o êxito da atividade proposta através do reendereço da obra audiovisual em questão. Ao eleger o curta “Piper” para ilustrar a aula de aves, a professora regente considerou que o endereçamento original deste curta pudesse atingir os seus alunos/espectadores e partir desta percepção desenvolveu um conjunto de ações para a ocorrência do reendereço desta obra, alterando o modo de leitura dos alunos de forma adequar a produção de sentido dos alunos aos seus objetivos pedagógicos.

REFERÊNCIAS

- Bastos, W. G. (2014). *A produção de vídeos educativos por alunos da Licenciatura em Biologia: um estudo sobre recepção fílmica e modos de leitura*. 2014. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Besen, E. (2008) *Animation Unleashed: 100 Principles Every Animator, Comic Book Writer, Filmmaker, Video Artist, and Game Developer Should Know*, California: Michael Wiese Productions & Studio City.
- Finding Dory. (2016) Direção: Andrew Stanton, Angus MacLane. Produção: Lindsey Collin. Intérpretes: Ellen De Generes; Ed O’Neill; Albert Brooks. Roteiro: Victoria Strouse; Andrew Staton. EUA, Pixar Animation Studios, Walt Disney Pictures.
- Gancho, C. V. (2006). *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática.
- Guimarães, B, R., & Rezende Filho, L. A. C. (2018). Ensinando Genética com filmes e séries: análise de propostas por meio do estudo do reendereço. *Revista Tecnologia & Cultura*, 31(21), 21-28.
- Hall, S. (2003). Codificação/Decodificação. In *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Sovik, L. (Org.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil.
- Kuperszmitt, E. D. N. (2016). *O uso de vídeos por professores de ciências no ensino médio: um estudo sobre reendereço*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de tecnologia educacional para a saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Moran, J. M. (1995). O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação e Educação*, 2, 27-35.
- Odin, R. (2005). A questão do público: uma abordagem semiopragmática. In Ramos, F. (org) *Teoria contemporânea do cinema*. São Paulo: Senac.
- Pastor Junior, A. A. (2016). *Produção e recepção audiovisual na educação médica: um estudo sobre a produção de sentidos e uso de filmes na psicologia médica*. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Pereira, M. V. S. (2013.) *Produção e recepção de vídeos por estudantes de ensino médio: estratégia de trabalho no laboratório de física*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Piper. (2016). Direção: Alan Barillaro. EUA, Pixar Animation Studios, Walt Disney Pictures.
- Pretto, N. L. (2013). *Uma escola sem/com futuro*. Salvador, EDUFBA.

Rezende Filho, L. A. C, Bastos, W. G., Pastor Junior, A, A., Pereira, M. V, & Sá, M. B. (2015) Contribuições dos Estudos de Recepção Audiovisual para a Educação em Ciências e Saúde. *Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, 8(2) 143-141.

Teixeira, P. M. M., & Megid Neto, J. (2017). A produção acadêmica em ensino de Biologia no Brasil – 40 anos (1972-2011): base institucional e tendências temáticas e metodológicas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 17(2), 521-549.

Vanoye, F., & Goliot-Lété, A. (1994). *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papyrus.